

A INDICAÇÃO DO SENHOR CARLOS NADALIM PARA A SECRETARIA DA ALFABETIZAÇÃO DO MEC E A (DES) IDEOLOGIA DO CONFRONTO

Não há nada mais ideológico do que o ato de se pôr como isento e, deste lugar discursivo, atingir as tendências políticas e culturais do outro. Isentar-se de ideologia significa também pressupor, para o lugar discursivo de si mesmo, o domínio de uma verdade absoluta. A equipe de Bolsonaro baseia-se em discursos religiosos e, como esse discurso sempre pressupõe uma verdade imutável para si mesmo, acha-se no direito de enxergar o outro como “ideológico”, “fora do caminho certo”. Da economia ultraliberal de Paulo Guedes, que quer implementar políticas não-ideológicas para recuperar as finanças do Brasil, à militarização das escolas defendidas por Ricardo Velez Rodrigues do MEC, passando pelas relações exteriores, que já cometeram seus descabros cortando relações “ideológicas” com alguns países, temos diversos marcos polarizantes, guerreiros, agonísticos, que estão na base da ideologia deste governo - Ideologia de direita e com fortes traços neofascistas, que se preocupa mais em desalojar as ideias de seu rival do que propriamente em analisar o campo para descobrir como as suas devem ser implementadas.

A indicação de Carlos Nadalim, por sugestão de Olavo de Carvalho, para a secretaria de alfabetização do MEC encaixa-se também nessa linha ideológica de luta rigidamente polarizada contra a ideologia dos outros. O indicado faz questão de dizer que sua entrada na educação de crianças não se fez por motivações e saberes oriundos de um curso universitário, mas sim por um milagre realizado por Santa Terezinha do Menino Jesus. Em seus vídeos, critica com muita ironia e pouca argumentação sustentável a posição de grandes educadores brasileiros, como Paulo Freire e Magda Soares, além de pôr na mesma lista grandes nomes internacionais: Piaget, Vygotsky, Bruner, Emilia Ferreiro e outros. Para ele, todos esses pesquisadores são ideológicos, não fazem pesquisas verdadeiras. As verdadeiras seriam aquelas feitas pelos defensores do Método Fônico em alfabetização, que por milagre e não por ideologia, o apadrinhado tenta defender.

Em seu vídeo de 02/05/218 critica a Profa. Magda Soares, usando fragmentos descontextualizados, repetindo trechinhos do vídeo exaustivamente e, com eles, simulando diálogos irônicos e jocosos (ao ouvir a repetição da expressão “função social”, repete logo em seguida “função social?! Ah, entendi!”). Opta por uma polarização dura, afirmando que esses conhecimentos que nortearam a educação nas últimas décadas não são científicos. Chama para a sua cientificidade alguns defensores do Método Fônico, José Moraes, Fernando Capovilla e outros e apregoa a eficiência infalível do método fônico. Cita a seu favor o relatório do grupo

de trabalho sobre alfabetização no Brasil elaborado em 2003, a pedido da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados¹. Os integrantes do GT que fizeram esse relatório são todos defensores do método fônico e não uma comissão científica neutra como apregoaram na época². Estilo desse grupo é também agressivo, sempre pronto a provocar rupturas no cotidiano escolar, sugerindo aos professores que o estilo “novo”, oriundo das “novas descobertas das neurociências” entra para resolver de vez a questão. Um dos integrantes do método fônico chega a dizer que sua metodologia tem potencial para zerar os índices de baixo desempenho dos alunos brasileiros. Este tipo de bravata, que estabelece a polarização e o corte total das influências dos outros só traz prejuízo à já combatida educação brasileira. A premissa de que um método novo tudo resolve parece ser a mesma da campanha eleitoral de Bolsonaro e de outros velhos “apolíticos” que se pintam de novidadeiros.

Na busca dessa dita nova abordagem não fazem mais do que levar adiante ideias retrógradas, como as da Escola sem Partido, as que desprezam o saber universitário, as que querem a militarização das escolas, as que lutam contra teses e movimentos científicos bem sedimentados (teoria evolucionista, estudos sobre gêneros e outros). Devemos lembrar que todos os governos, até mesmo o de Collor, davam algum valor aos pesquisadores e especialistas brasileiros em diversas áreas, ainda que este ou aquele não fosse do partido ou mesmo não comungasse dos mesmos pressupostos do dirigente máximo. A ideologia dos mandantes de agora vai se afinando e apontando o caminho comum: em primeiro lugar combater ferozmente o inimigo da “verdade” - Ideologia da polarização, beligerante, predisposta ao confronto verbal e, quem sabe, até mesmo ao confronto armado, que apenas revela intolerância e imensa dificuldade de conviver com diferenças.

O indicado não tem formação específica em educação, gestão ou administração escolar em redes públicas. Apresenta-se como coordenador de uma escola infantil com cerca de 150 alunos, pertencente à sua mãe e como autor de um site na Internet em cujas páginas publica vídeos com a pretensão de formar pais e professores no campo da alfabetização, da leitura e do comportamento. Todos os vídeos, em geral, apresentam um receituário como técnica, um “como fazer” bastante simplório, que leva em conta a criança como um sujeito universal, predisposto a repetir e aprender por repetição. Num deles (“modelagem da linguagem”) afirma

¹ http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/ce/documentos-1/relatorio-de-atividades/Relat_Final.pdf

² Abordei esse relatório em um artigo, que está disponível no CIELO: “Leitura e Alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização”. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022006000200004&script=sci_abstract&tlng=pt

que vai ensinar a técnica da “descompactação da linguagem infantil” e sugere que o pai ou mãe, ao ouvir o filho dar uma resposta simples, “bola”, a uma pergunta do tipo “De qual brinquedo você gosta?” estaria falando de forma compactada. Para resolver esse problema, o adulto repetiria a resposta da criança com uma pergunta, (“Ah, você gosta de bola?”, na esperança de que a criança responda, “Sim, eu gosto de bola”. Sugere também situações semelhantes para expandir a adjetivação. Ao finalizar o vídeo, reforça que essa técnica não vai surtir efeitos nos primeiros dias, então sugere persistência, que a atividade se repita muitas vezes. Essa “modelação” da linguagem relembra as tentativas behavioristas de ensinar de forma mecanicista. O improvisado professor, inebriado por suas descobertas ingênuas, típicas de quem está iniciando carreira, não percebe os efeitos colaterais de suas receitas e nem parece ter ideia de como autores mais contemporâneos compreendem a linguagem e seus correlatos, língua, fala, discurso, contexto, gêneros e outros - usa os termos todos como se fossem equivalentes. No vídeo em questão, o jovem deveria levar em conta que a elipse é uma imensa riqueza linguística, o que não se fala em razão de economia e agilidade, mas se compreende e se faz compreender, é um dos traços marcantes que definem a linguagem humana. Repetir por modelagem frases vindas do outro em situações artificiais, sobretudo com persistência, não é um bom caminho para desenvolver essas e outras habilidades de linguagem. O ser humano é assim, diferente da máquina, aprende desde cedo a pressupor que o outro entendeu muito bem o que não foi totalmente explicitado na fala.

Gostaria de abordar outros vídeos de Nadalim e inclusive seu “livro”, “cinco etapas para alfabetizar seus filhos” (já fiz uma crítica no facebook) no entanto o espaço é curto, mas adiantado, todos apresentam estratégias ingênuas, que não levam em conta a diversidade social, familiar e as singularidades que emergem no processo educativo. Levá-lo à Secretaria de Alfabetização do MEC é mais uma das temeridades do governo Bolsonaro. A alfabetização de crianças é o maior problema educacional do país. Como sempre diz Magda Soares - e eu concordo totalmente! - encaminhar bem uma política de educação não é mera questão de se trocar este método por aquele e sim de priorizar o campo da leitura e da alfabetização, readequando a dinâmica escolar ao regime de ciclos (o Brasil adotou o regime de ciclo, mas nada fez para readequar as redes escolares), reformulando os perfis de cargos e salários e apostando em formações mais densas para os professores. Fizemos parcialmente essas readequações, por meio de um projeto CAPES³ de acompanhamento longitudinal de quatro anos de duração, na Escola de Aplicação da USP -

³ Projeto financiado pela CAPES/OBEDUC/FINEP, vigente de 2010 a 2011, “O Desafio de Ensinar a Leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos” - parte desse projeto compõe meu livro “Da oralidade lúdica à leitura significativa: subsídios para a formação de professores”. São Paulo: Editora Scortec, 2017.

EA-FEUSP. O resultado foi muito bom e as estratégias programáticas vêm sendo mantidas pela direção e pelas professoras que participaram do projeto, mesmo neste momento em que pesam sobre a EA-FEUSP cortes de verbas para a reposição de professores. Sugiro ao Sr. Nadalim que consulte a experiência da EA-FEUSP (a mesma experiência foi feita em Belém do Pará, na EA-UFPA e em uma escola municipal em Pau dos Ferros- RN em parceria com a UERN) e **veja como é possível interagir com o que estava em ação na escola, sem esse confronto rigidamente ideológico, que tanto produz desavenças**. Mesmo partindo de nossa ideologia, fizemos questão de manter boa parte do que os professores já faziam, mesmo não concordando com algumas concepções, contudo acrescentamos novidades atrativas (trabalhamos muito bem com os elementos menores da fala e da escrita: fonema, sílaba, letras, palavra etc., que não era o forte da escola e, ao mesmo tempo, integramos os níveis menores a levantamento de conhecimentos prévios, a modalidades de leitura, oralidade, imagem, rébus, palavra-valise, textos lúdicos etc.). Enfim, os absurdos que esse improvisado secretário vê nas diferenças teóricas podem ser exatamente os elementos mais importantes para o engajamento da comunidade e, conseqüentemente, para a melhora dos índices de alfabetização, em outras palavras, exercer a tolerância e a capacidade de administrar diferenças como pontos de partida. Romper com tudo o que está posto há décadas e entrar com uma “nova” metodologia é com certeza priorizar o ideológico puro e assumir o combate pelo combate. Como diz Riobaldo em “Grandes Sertão: Veredas” (Guimarães Rosa): “Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal por principiar”.

Em tempo: estava terminando este artigo quando recebi a notícia de que Nadalim nomeou Maria Eduarda Manso Mostaço (27 anos) para a Coordenadoria Geral de Formação de Professores da Secretaria da Alfabetização, talvez para confirmar o ideológico puro e se pôr à espera de milagres: pessoa sem experiência alguma na área.